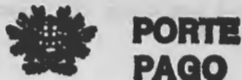




O Gaiacito



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 3 de Outubro de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 980 — Preço 5400

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

«LABOREM EXERCENS»

É este o nome da nova encíclica que comemora o nonagésimo aniversário da «Rerum Novarum».

Desfasado como geralmente ando, do que vai pelo mundo, nem sabia das promessas do seu aparecimento, nem de que elas haviam sido cumpridas. Foi ontem, por um jornal diário, que tomei conhecimento do acontecido e fiquei com levíssimas luzes do seu conteúdo. Ainda assim as suficientes para repegar no tema do trabalho e eu próprio assentar melhor ideias, fundado na doutrina da Igreja.

A questão social, sempre e particularmente desde há quase um século, é objecto da atenção da Igreja. Esta encíclica, diz o Santo Padre, «não é tanto para coligir e repetir o que já se encontra contido nos ensinamentos da Igreja, mas sobretudo para pôr em relevo (possivelmente mais do que foi feito até agora) o facto de que o trabalho humano é uma chave,

provavelmente a chave essencial de toda a questão social». Eis aqui declarada a intenção deste documento, que não pretende inovar mas rever e reflectir mais profundamente problemas de sempre, à luz das «novas condições tecnológicas, económicas e políticas que, na opinião de vários peritos, irão influir no mundo do trabalho em não menor escala do que o fez a revolução industrial do século passado». E acrescenta: «Se a solução — a gradual solução — da questão social que continuamente se reapresenta e se vai tornando cada vez mais complexa, deve ser buscada no sentido de «tornar a vida humana mais humana», então, por isso mesmo, a chave que é o trabalho humano, assume uma importância fundamental e decisiva».

Porque parece ser este pensamento a dar o tom à encíclica, esta, depois de uma introdução, consagra dois capítulos, o primeiro e o último, a doutrinar



«Mediante o trabalho, o Homem não somente transforma a Natureza... como também se realiza a si-mesmo.»

sobre «o trabalho e o homem» e a reunir «elementos para uma espiritualidade do trabalho». Os dois capítulos intermédios, decerto de natureza um pouco mais dialéctica, versam «o conflito entre trabalho e capital na fase actual da História» e «os direitos dos homens do trabalho».

Tenho pena de não ter à mão notícia mais abundante sobre os capítulos predominantemente

positivos, porquanto mais me atrai a força do verbo pôr que a do contrapor. Mas a verdade é que o pensamento cristão sobre muitas realidades, a do trabalho incluída, sempre teve e tem ainda de «se contrapor às várias correntes do pensamento materialista e economicista».

O trabalho humano não é apenas, entre outros, um instrumento de produção. Ele tem

uma dignidade própria que lhe vem do Homem ser o seu sujeito e autor — o Homem, «a verdadeira finalidade de todo o processo de produção». Mas mais: «O trabalho é um bem do Homem — e um bem da Humanidade — porque, mediante o trabalho, o Homem não somente transforma a Natureza, adaptando-a às suas necessidades, como também se realiza a si-mesmo; até, num certo sentido, se torna mais Homem».

Eis o fundamento da dignidade natural do trabalho. Ele, sim, é instrumento, dirigido pelo Homem, manuseado por ele para a sua própria realização e para a realização do Bem-comum. Nunca o Homem lhe é sujeito senão para sujeitar, por ele, as forças da Natureza e as ordenar ao seu bem, inclusive as suas próprias potências pessoais carecidas de orientação e de disciplina como as demais. Assim cresce a sua liberdade.

Por isso, no que o trabalho sempre tem de penoso, «encontra o cristão uma parcela da Cruz de Cristo e aceita-a com o mesmo espírito de redenção com que o Senhor aceitou por nós a Sua Cruz. E graças a esta cruz, descobre sempre no trabalho um vislumbre da vida nova, do novo bem, um como que anúncio dos «novos céus e da nova terra», os quais são participados pelo Homem e pelo Mundo, precisamente mediante o que há de penoso no trabalho».

SETÚBAL

Por
Padre Acílio

Estamos a acabar a casa, a que os rapazes já chamam a casa 2.

No programa que nos impusemos, de dividir o casarão em quatro comunidades — distintas e individuantes, à maneira de Pai Américo, actualizando em comodidade, segurança, educação e salubridade — as obras têm decorrido com os contratemplos e as dificuldades que um Pobre encontra na edificação da sua casinha.

Contávamos ter inaugurado a casa 2 no fim de Julho, mas a doença dos mestres e as necessidades imediatas de dar praia e férias aos rapazes, alteraram o nosso sonho.

Tencionamos dá-la pronta durante o mês de Outubro.

Ninguém, mais que os rapazes, anela por habitar um ambiente novo, digno e apetitoso.

O recheio da casa é feito, em grande

parte, por eles. As camas limpar-se-ão e serão pintadas. Os candeeiros e as prateleiras, fruto de engenho e gosto do nosso arquitecto, foram obra dos serralheiros e carpinteiros.

Os sofás são aqueles que, de vez em quando, cada um dos leitores nos vai oferecendo. Secretárias e cadeiras, vamo-las adaptando.

Tenho um problema bicudo! É o da televisão.

A casa um tem um aparelho a cores, oferecido o ano passado por um grupo de amigos, dinamizado por alguém que já nos deu, este ano, para o da casa 2, cinco contos.

A casa dois tem de ter também uma televisão a cores; se não, quem aguente os rapazes?

Os serões da casa um, e as tardes de

domingo no Inverno, são os mais concorridos, por via das cores.

Somos pela independência. Cada um na sua casa. Como? — Só com igualdade de tratamento.

Eu não tenho dinheiro para o dito. Os senhores têm a palavra.

Continuamos com o problema da Senhora em aberto. Como Ernesto, já várias vezes, referenciou, a D. Maria Odília, que nos serviu gratuita e religiosamente, durante dez anos, deixou-nos, em busca de fidelidade ao que ela chamava a sua vocação.

Foram muitos os pequeninos e grandes que ficaram em orfandade maternal.

Cont. na 3.ª página

Padre Carlos

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

AGRADECIMENTO — O quotidiano, nas Casas do Gaiato, prova que nem sempre a ajuda monetária é equivalente a outras ajudas — como a de um carteiro numa vila nortenha.

Há uns dias atrás, recebemos uma carta com os seguintes dizeres:

«Junto envio, em anexo, as direcções completas de vários assinantes de O GAIATO. Estes elementos foram recolhidos por um carteiro durante os dias de greve; como estava mais folgado, aproveitou para fazer este trabalho.»

A referida vila tem sido um quebra-cabeças infernal, com grandes quantidades de jornais devolvidos, contendo sempre a frase: «Carece de rua e número!» Não sei se este slogan é da praxe, porquanto muitas das direcções contêm rua, outras número.

Contrariando tudo isto, um carteiro pôs mãos à obra e foi, de porta em porta, recolher direcções completas — 30 no total — de alguns assinantes nossos já no rol dos «desconhecidos». Um especial obrigado para este Amigo.

DESPEIDIDAS — O Alvaro — dinamizador do Desporto em nossa Casa nos últimos anos — deixou-nos. O seu compromisso evitou uma maior permanência. Ele é cooperante na R. P. de Angola, há cerca de um ano. Angola que anda nas bocas do mundo, devido a acontecimentos recentes. Alvaro lecciona em N'Dalantando.

Que a paz reine naquele jovem País.

Outra despedida, a do Ricardo — brasileiro de nacionalidade. Nas quase cinco semanas que esteve conosco, foi rei. Para onde fosse, nunca era sózinho, tinha sempre alguém a quem perguntar isto ou aquilo.

É um amigo — o tempo não tem lugar. Necessitou de participar no testemunho vivo que nós somos — Obra da Rua — para dar mais ênfase à sua vida de jovem estudante.

Estudou a lição; que a saiba transmitir a quem dela necessitar.

Quem não gostou do Ricardo foram

os mais pequenitos, já que o caminho e atenção foram menores; mas tudo já passou.

SERVIÇO MILITAR — Nos dias de hoje, o «equilíbrio do terror» é mais evidente. As grandes potências, opostas na sua defesa (?), gastam milhões de dólares em armamento sofisticado:

Mísseis com ogivas nucleares!

Submarinos atômicos!

Couraçados!

E a... bomba de neutrões!

Em nossa Casa, o serviço militar marca o início da responsabilidade absoluta, deturada da conduta do Rapaz. Os seus actos devem ser colocados em diálogo; os prós e os contras, avaliadores de uma perfeita conclusão. Assim, cada Rapaz tem condições para uma auto-análise dos seus problemas pessoais...

Em 15 de Setembro fui testemunha da ida do nosso «Esticadinho» para o serviço militar. Não desejamos cravos e tulipas, apenas malmequeres e... cabeça fria.

FRUTA — Os pomares estão a abarrotar. O chão que rodeia cada árvore, é poiso de muita fruta. Pera ou maçã caem pesadamente, tal a sua maturação.

Os miúdos continuam a apanhá-la para ser saboreada.

Morgado

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Era uma tarde morna, saborosa. A moradia, em construção, fica lá no oitavo do monte.

Pelos caminhos, olhando o extenso panorama, é um gosto rever a beleza do Vale do Sousa! Além dos campos de milho, molduras e molduras de vinhas mais ou menos repletas de cachos; dourados uns, tintos outros — riqueza, até agora, sem a necessária penetração e contrapartida nos mercados internacionais.

Vem ao caso lembrar um casual encontro, em Pedras Rubras (não há

muitos anos), com um bom Amigo — responsável da Sociedade de S. Vicente de Paulo — regressado de Genebra, onde, sobre a hora H, fora de jacto (antes que outros conseguissem o logro) testar, no Office International du Vin, a patente internacional do célebre vinho vende como néctar específico — único em todo o Mundo.

A trepar a encosta fixamos, ainda, nossos olhos pecadores na casa-da-cira de um lavrador-caseiro — com sementeiras mirradas pela seca! — cujos filhos, tronco nu, descalços, sujos da terra, dão imagem do Terceiro Mundo.

Chegamos. A futura ocupante da moradia trabalha em roupinha de bebé, em contrato com uma fabriqueta de confeições.

Quem nos dera fosse mais rápido o acabamento da habitação. Mas não pode ser! Fruto da Auto-construção, ela só cresce aos fins-de-semana com o investimento dos nossos leitores. Obra dura, plena de generosidade, de Justiça oristá.

— «Os sábados é pr'aqui um ror de gente a trabalhar!...»

Programámos a acção do carpinteiro (caixilharia, etc.), funileiro (saneamento, canalização d'água) e electricista. Ainda não..., mas lá virá tempo que será possível uma baixada que forneça energia eléctrica.

Na linha da mãe, o filhito mais novo já sorri também, encantado pela obra! Rodeia-nos por um mimmo, uma carícia; olhos doces que reflectem o amanhã: quando deixar o barraco e de pernoitar sobre a pobre mãe e os irmãos.

— «Com'a gente inda agora vive é um grande sacrifício! Não temos onde pôr nada de nada!...» — lamenta a avó.

Sim, amanhã terão quantos dignos, sadios. Voltamos a constatar: a criança, as crianças têm um apurado sentido da Justiça que se materializa — graças a Deus e aos nossos leitores.

● O recoveiro dos Pobres é lenço de muitas lágrimas; e jamais fica vacinado pela rotina. Há que chorar com os que choram...!

Topamos problemas bem duros de roer; que estrangalham vidas em morte lenta!

A moça torna pela mão da mãe. São gente limpa, asseada no ter e no ser. Ela, a jovem — já afirmámos — «perdeu a cabeça fora de tempo» por um indivíduo..., que agora lhe dá mau viver e à filha d'ambos, com dois anos.

— «Gasta quase tudo o que ganha...!»

Ouvimos o rosário completo; duto calvário que traumatiza a pobre moça! Dos olhos caem bategas. Soluça profundamente. Escutamos o desabafo. Enxugamos lágrimas de sangue!

Como todas as boas Mães, ela preocupa-se pela subsistência e sobrevivência da criança:

— «Preciso duma caminha pequenina pra minha filha. Eu durmo no chão...!»

— Vamos procurar resolver o problema.

— «Se fosse possível, uma roupinha também...»

— Com certeza.

— «Eu não posso com o leite da menina...!»

— É de nossa conta!

«Isto é, de conta dos nossos leitores.

Naquela altura lembrámos outras crianças, pelo mundo fora, cujas mães, por não terem quê, se vêem obrigadas a enganar bocas inocentes!

Padre Moura alertado para dar a mão também, manda encher, na rouparia, umas saquitas de roupa decente.

Na realidade, estes casos dolorosos — que se topam ao vivo — são pistas de reflexão que não abonam uma crescente mentalidade auto-suficiente: — «Agora já não há Pobres!»

Deixemos um pouco do nosso conforto — hoje, amanhã, depois, sempre; e procuremos o Terceiro Mundo em nossa terra, quiçá no mesmo lugar, à nossa porta...

● É viúva de um antigo gaiato que trabalhou nos serviços de limpeza duma edilidade.

Toda de negro, deprimida, a pobre senhora — já por natureza retraída, envergonhada — chega pela mão duma cunhada.

— «Ela e os filhos estão a passar mal! É que não há meio de chegar a pensão de sobrevivência! E o pouco q'ela ganha, por lá, não dá pr'a nada...!»

Infelizmente, os impasses burocráticos atingem um estádio inconveniente! E bem nos custa — pelo calvário dos Pobres — continuarmos a denunciar a mazela, que prejudica as Famílias em todo o sentido: moral e materialmente.

Nós compreendemos que o justo alargamento de benefícios, nos últimos anos, gera natural acumulação no respectivo sector. É estranho, porém, que, do ponto de vista funcional, os serviços não acompanhem o ritmo de expansão dos beneficiários! Problema sério, que deveria merecer mais atenção de quem de direito. Pois, como é obvio, está em causa o pão de muitos Pobres, de muitas Famílias. E, porque não?, o bom nome das instituições.

Vamos entregar, discretamente, à Viúva e aos filhos, cinco mil escudos mensais para diminuírem as suas carências. Enfim, suprimos — uma vez mais — aquilo que compete às entidades oficiais!

PARTILHA — Durante a quinzena chegaram até nós, discretamente (alguns com cerrado anonimato), nove Amigos dando as mãos para a construção da moradia.

Aveiro:

«(...) Meu marido recebeu uma pequenina herança dum primo, que necessita muito de orações. Eu nem sequer o cheguei a conhecer!

De acordo com meu marido resolvi dividir por... e para ajuda da casa.

Junto envio o cheque, agradecendo a Deus tudo o que me tem dado na vida (horas boas e más).»

Fundão:

«Para uma telha da casa da senhora para quem a vida e a sociedade tem sido tão madrasas — 1.000\$.

Avenida E. U. A. — Lisboa:

«O cheque anexo é para ajudar a fazer a casa da família desfeita pelas fraquezas do seu responsável que anda por lá. Dai, por mim, um beijo às crianças.»

Cumprimos!

Parede:

«Envio uma pequena oferta para a construção da casinha e para algu-

ma necessidade mais premente desses nossos Irmãos com tantas carências. Que Deus nos ajude e à nossa Pátria.»

Porto:

«Acabo de ler O GAIATO e fiquei contente por ver que a mulher abandonada pelo marido já tem a casa em andamento. Envio 500\$00 para mais uma telha, por uma graça recebida.»

Agora, são 1.000\$00 de Queluz. Metade de Vilar Formoso. Outros mil da Rua Bocage — Lisboa. Muita atenção à passagem de Odivelas:

«Sou viúva. Vivo de uma pensão e mais umas migalhinhas que me vêm dos juros de um pequeno seguro que meu marido me deixou.»

«Todos os anos, pela passagem do seu aniversário, costumo colocar na cama uma coroa de flores. Mas como vi o apelo para essa pobre senhora que o marido abandonou, resolvi oferecer essa quantia que iria gastar em flores, em proveito dessa pobre gente. É pouco, mas dado com boa vontade. E tenho a certeza que a alma do meu marido vai agradecer muito mais, pois ele, em vida, gostava muito de fazer bem.»

Sem objectivo específico, cheque de 1.500\$00 — do Luso. 500\$00 de visitante. O costume do casal-assinante 1702. Outros 1.500\$00 da avenida E. U. A. — Lisboa. Rua das Escolas, Porto, carta em chamas — duma alma grande! Fundão, 1.000\$00; presença assídua! Funchal, 300\$00. Rua da Lapa, na capital, o costume: 200\$00. Coimbra, 1.000\$00 «por alma de meus Pais». O mesmo da Rua D. Carlos de Mascarenhas, Lisboa, «para o Pobre mais necessitado».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MINIATURA DO CORVO

TRABALHO — Quem não trabalha, não manduca. E na Casa do Gaiato assim é, assim se faz. Todos trabalham desde aquele que põe o pé na Escola Primária até ao casado.

Do mais pequeno trabalho ao maior, que se encontra pela nossa Aldeia, os rapazes enfrentam-no, para chegarem à mesa e comerem a sopa quente, o bocado de pão, uma fruta fresca e saborosa. E, neste momento, ouço os «Batatas» a falarem; a caminhar, cantarolando, labutando para, quando entrarem no refeitório, merecerem, em cima da pedra de mármore, o regalo do «pão-nosso-de-cada-dia».

E, assim, não deixei de dar uma ocasião aos nossos «Batatas», de falarem aos leitores sobre o trabalho. Fiz duas perguntas:

— Gostas de trabalhar? Porquê?

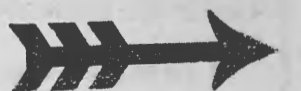
— Qual o trabalho que mais gostas de fazer cá em Casa?

Todos responderam com um sim sorridente. Vamos ouvi-los.

«Pretinho», de 7 anos (queria ser o «homem aranha»!):



Nuno Miguel, filho de José Fernando Gomes — o «Cabana».



PATRIMÓNIO DOS POBRES

«As primeiras faúlhas caíram num lugarejo da freguesia de Paço de Sousa, no mês de Setembro de 1951. Foi a medo. Era uma audácia. Era o inédito.»

Depois foi o atear! Chamas que se propagaram! Milhares de casinhas nasceram e deram abrigo a milhares de famílias.

Quando Pai Américo pegou fogo ao rastilho, mal imaginava o crepitar e as explosões nas almas de boa vontade.

O fogo continua. As achas continuam a cair no braseiro e a chama não acaba. Há dias foram uns cordões de ouro que vão colocar nas paredes erguidas mais dez telhados.

Graças Senhor pelo amor de tantos corações!

Pela chama que não se extingue!

Eis três dos telhados que vão sair do ouro sublimado:

«Venho por este meio pedir se me podia dar uma ajuda que eu ando a construir uma casa tenho 4 filhos e o meu marido ganha pouco mal chega para nós vivermos vivo

num quarto com esta família. — Maria Emília.»

«Obrigado por ter atendido os meus pedidos. Agora é mais um: Manuel..., casado, que se lançou na aventura de construir ele próprio a sua casa; comprou terreno e, aos poucos, levantou as paredes, faltando agora a telha. — Pároco de Casais.»

«Pesso um favor se puder ser e for de vossa vontade ando a fazer uma casinha pesso um auxílio para a telha é marido esposa três filhos só o marido empregado de noite na Riopete pesso resposta. — Manuel.»

Assim as achas que tu nos mandas lá vão por esse Portugal fora dar um pouco de ânimo e calor a tantos esposos — que ainda têm coragem de construir a sua casa, de terem os seus filhos e de sonharem com a sua lareira.

Estas famílias são uma força!

Uma esperança neste Portugal anémico e triste.

Pátria que não dá ao filho um palmo de terra para o seu ninho! Sei de tantos jovens (milhares!) que tanto desejam um pedacinho de terra para começar a construir... Nalgumas cidades só uma vida inteira de economia (e nem) pagaria esse mísero bocado. Então desanimam e atiram-se ao clandestino — onde nascem e se amontoam montes disformes de paredes. Que pena!

Conheço uma nação onde tudo é tão simples: o Governo traça avenidas, faz saneamento, marca talhões e os distribue (de graça ou a pagar, conforme o rendimento) àqueles que desejam construir.

Feliz nação que estudou e aprendeu a primeira lauda da sua cartilha: «Sem casa não há lar; sem lar não há família; sem família não há nação.»

Se podes ajudar uma família a pôr telhado nas paredes que ergueu, não esqueças o Património dos Pobres. No próximo número vou dar-te conta do que nos deste e que nós demos.

Padre Telmo

— «Gosto. Para ser trabalhador e para comer.

Cortar melões, vindimar uvas e cozer pão.»

«Bolachinha», de 7 anos:

— «Olha... Ao menos para comer e brincar. Acarretar abóboras e colher feijão.»

Zé Miguel, de 8 anos:

— «Porque gosto muito, p'ra comer e brincar. Acarretar «aborbas», arrancar ervas e apanhar lixo.»

Rui Manuel, de 8 anos:

— «Porque é bom; o meu pai mandou-me para cá e o sr. Padre mandou-me trabalhar; e, também, é p'ra comer.

Acarretar «aborbas», apanhar lixo, canas, paus e colher melões.»

Vieirita, de 7 anos:

— «É mais melhor trabalhar que brincar.

Debulhar feijão, ser pintor para pintar, cozer pão e ser serralheiro.»

Diamantino, de 6 anos:

— «Porque o trabalho é bom e p'ra brincar e ser alguém.

Assim, às vezes, regar os jardins, arrancar ervas, apanhar lixo.»

Paulinho, do Lar, 7 anos:

— «Porque como; e quem não trabalha não come...»

É regar jardins e as árvores de fruto.»

«Bolacha», de 9 anos:

— «P'ra comer, saber trabalhar; depois, quando for grande, ir p'ra uma oficina; e p'ra brincar com os meus amigos.

Apanhar fruta, lixo das ruas, colher feijão no milho.»

Gonçalo, de 8 anos:

— «P'ra ganhar comida, brincar com os meus amigos e dormir.

Regar os jardins, estudar na Escola e também fazer o que a professora manda.»

Todos falaram do trabalho com ideias de formar o seu jardim.

MAIS GAIATOS — Este ano, a nossa Casa teve as portas abertas para mais rapazes, e muitos, que encheram ainda mais a nossa Aldeia.

O mais novo, que chegou até a este momento — o Patrício — já fez aqui três anos. Dá-se bem com todos. Em seguida, mais novo, é o Zé Carlinhos que também já fez quatro anos em nossa Casa e anda sempre a rir; sorri muito com os dentes certinhos e os olhos lindos. Conversei com ele:

— Gostas de estar na Casa do Gaiato?

— «Gosto...»

Respondeu com a carita baixa e triste.

— Então porquê?

— «Porque o meu pai deixa-me...»

Fitei-o nos olhos. Fiz outra pergunta:

— Gostas dos teus amigos?

A resposta torna a ser a mesma, triste, de carita baixa:

— «O meu pai deixou-me ser...»

Olhando para ele, compreendi a sua angústia... Só falava do pai, não ouvia falar em mais nada.

Outra pergunta:

— Gostas de brincar?

A resposta torna a ir pelo mesmo caminho, olhos passageiros: — «O meu pai deixa-me ir para o carrocel; o meu pai... e...»

E não se ouve mais! Retira-se; corre; e vai para os balanços, brincar

sozinho com uma cana na mão. Dizerte-se só, sem amor dos pais; sofre e há-de sofrer mais.

Lembro o Festival dos Pequenos Cantores, na Figueira da Foz; o rapaz que ganhou o Festival, sorridente, raça escura, de S. Tomé. Na segunda canção, ele perguntava:

— «E quem virá cuidar de nós? Você meu papá; você minha mamã, você meu professor?» Você, tu, aquele, perguntava ele com a força que tinha no coração.

E agora pergunto:

Quem virá cuidar destas crianças? É você leitor? Tu, ele, aquele outro — quem?...

Mas quem dá a mão a estas famílias destruídas; quem dá uma sacudida no bolor da sociedade? Estas crianças têm razão para dizerem quem virá cuidar de nós. Nem os animais deixam assim os filhos; lutam por eles, até saberem lutar por si mesmos. Mas o homem deixa...

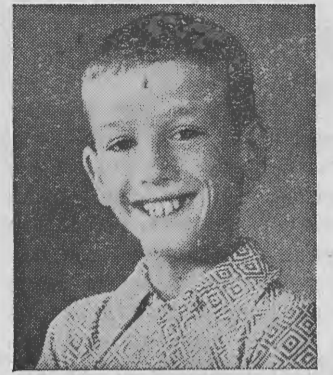
OBRAS E AGRICULTURA — As obras estão a findar. Os locais de habitação funcionam como dantes, porque tudo já foi arranjado. As Escolas estão a ficar prontas, também, mas os muros e a parte exterior de nossa Casa continua a ser arranjada e caiada pelos estudantes, desde manhã até quase à noite.

A chuva chegou com o Outono; e todos aqui, em Casa, relacionados com a agricultura, empenham-se no trabalho: lançamento das sementes de nabo à terra; colher fruta, espigas, abóboras, tomates, feijão; tudo vai andando por cá!

Guido

Retalhos de Vida

O «Gágá»



Sou o José Luís Gomes, mais conhecido por «Gágá», natural de Tomar, onde nasci a 1/3/1965. Tenho, portanto, 16 anos.

Somos cinco irmãos: quatro rapazes e uma rapariga já casada.

Eu vim para a Casa do Gaiato porque era mandrião... e tirava o dinheiro à minha avó para comprar gelados perto da Escola.

A minha mãe ia trabalhar logo de manhã e só voltava à noite; e a minha avó — como ia trabalhar na pensão — deitava-nos sempre na cama.

A minha avó não nos podia sustentar. E como tinha um irmão na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, pediu ao sr. Padre Carlos para eu vir, onde já me encontro há oito anos, muito feliz.

Mais tarde, veio parar ainda à minha beira o meu irmão mais novo.

Trabalho, agora, como encarregado da copa. Tenho que lavar a louça do pequeno-almoço da comunidade, que é muita gente... E dou batatas quando é preciso.

Acabo os meus Retalhos de vida com um grande abraço para todos os leitores, principalmente para os tomarenses.

José Luís Gomes («Gágá»)

SETUBAL

Cont. da 1.ª pág.

Eu nunca acreditei, nem acredito, que fosse essa a vontade de Deus; mas curvo-me perante o mistério de cada pessoa.

A missão da Senhora, em nossa Casa, é, acima de tudo e em primeiro lugar, ser Mãe. Mãe em toda a extensão e concretização da mais bela ideia que o homem elaborou, depois do conceito de Deus.

Precisamos de uma mulher que queira entregar a sua maturidade ao Senhor na pessoa dos nossos rapazes.

Uma mulher com idade e capacidade de ser Mãe. Não uma avó, nem uma menina.

Uma mulher com fé e juventude, maturidade e aventura, que saiba ler o Evangelho como Ele está escrito; e vivê-lo com a intensidade de Jesus. Sem modelos a imitar, sem peias a estorvar, sem regras a cumprir. Com um único princípio: Amar.

Amar como o Evangelho diz! Como um impulso vital!...

Todos os momentos da vida. Não de um forma mística, não de expressões poéticas.

Amar os que Deus ama preferencialmente: as Crianças pobres.

Amar em nome de Deus!

Na vez de Deus.

Para que Deus ame!...

Dar ao Senhor a possibilidade de Ele Se revelar tal como é — Amor.

Eu já me desiludi de convidar Religiosas entregues aos ideais vigentes!

Elas têm a sua Ordem, a sua

Congregação, a sua segurança e isso lhes basta. Admiram muito as Senhoras que dão a sua vida numa Casa do Gaiato, mas não vencem as barreiras para entender este apelo sublime.

E tu que tens a vida à tua frente? — Deixa o mundo miserável e vem encher-te da Vida.

Padre Acílio

O NOSSO JORNAL

● «Bons Amigos:

Faço hoje anos e aproveito a sugestão do Assinante n.º 9060 — inserta no «Aviso aos assinantes» de 21/3/81 — para pagar o que devo: a assinatura de O GAIATO.

Realmente, a ideia é brilhante e espero que ela me ajude a não mais esquecer a minha obrigação.

Não sei, ao certo, há quanto tempo não ponho as minhas contas em dia convosco!

Julgo que a importância chegará (se não pagar juros... o que era muito bem feito, aliás!).

Pedindo desculpa pelo atraso, abraça-vos com muita amizade e reconhecimento, a

Assinante n.º 6212.»

● «A local «O Nosso Jornal», de 22/8/81, é oportuna e oxalá seja proveitosa.

Cont. na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

A propósito do Ano Internacional das Pessoas Deficientes elaborou a Santa Sé um importante documento que importa ter em conta e ser divulgado nestas colunas. Fá-lo-emos sem pretensões, até porque, se há alguém na Obra com autoridade e legitimidade para o fazer, será, sem dúvida, o nosso Padre Baptista, que tomou sobre os seus ombros a pesada mas grata responsabilidade de dar corpo e espírito ao nosso Calvário, a última «lembrança» de Pai Américo.

Em 1979, segundo previsões estimadas pelos especialistas, haveria cerca de 450 milhões de deficientes; números aterradoros, que a vida que levamos não nos leva a considerar nas suas dimensões e nas exigências de respostas adequadas, já que a sensibilidade se vai perdendo e só nos lembramos das coisas quando os problemas nos batem à porta. Milhões de cegos, milhões de surdos, milhões de atrasados mentais, milhões de deficientes motores ou sensoriais ou psíquicos, vivem a nosso lado, muitas vezes ante a

nossa apatia ou desinteresse, mas com os mesmos direitos de cada um de nós, a solicitarem a nossa atenção, o nosso acolhimento e o nosso desvelo. Se, como certo autor escreveu, cada fraqueza dum deficiente é uma fraqueza do homem, tal como cada conquista é uma vitória deles e da comunidade que os acolhe, importa que nos empenhemos de alma e coração na concretização de medidas apropriadas, banindo a conversa fácil, porventura bastante académica, mas inoperante em si mesma se não for acompanhada de acções.

É do Evangelho, como refere o documento citado, que Jesus Cristo reservou cuidado particular e prioridade para aqueles que sofrem. Poder-se-iam multiplicar os exemplos. Importa também lembrar, nesta espécie de preâmbulo, que cada um de nós, mesmo que de boa e excelente saúde, é um potencial deficiente, a todo o instante capaz de engrossar o seu número, facto evidente por si mas nem sempre equacionado no nosso viver, por

mal dos nossos pecados.

Refere o trabalho em causa quatro princípios fundamentais: 1. Cada deficiente é **sujeito plenamente humano, com correspondentes direitos inatos, sagrados e invioláveis**; 2. Cada deficiente **deve encontrar facilidades para participar na vida da sociedade em todas as dimensões e a todos os níveis, que sejam acessíveis às suas possibilidades**; 3. A **qualidade de uma sociedade e de uma civilização mede-se pelo respeito que ela manifesta para com os mais débeis dos seus membros**; 4. A orientação basilar no equacionar os problemas atinentes à participação na vida social das pessoas deficientes, deve ser inspirada pelos **princípios da integração, normalização e personalização**.

Em bosquejos sucessivos abordaremos cada um dos pontos enumerados, ficando-nos hoje pelo primeiro.

Um deficiente, seja ele qual for, por doença congénita ou crónica ou por acidente, bem assim por debilidade mental ou enfermidade sensorial, seja qual for a natureza das lesões de que é portador, é uma pessoa, é um irmão. É que o ser humano possui uma própria dignidade única e um específico valor autónomo, desde a concepção e em todos os estádios de desenvolvimento, quaisquer que sejam as suas condições psíquico-somáticas. Esta norma brota da recta consciência universal e deve ser considerada a base inamovível da legislação social.

Reflectindo, poder-se-á dizer que a pessoa do deficiente, com as suas limitações e as suas dores ou os seus sofrimentos, evidencia, ou põe em maior relevo, todo o mistério do ser humano, com toda a sua dignidade e grandeza, além de repelir toda a auto-suficiência e excluir todo o pretensiosismo ou petulância. Ante o deficiente, somos levados a penetrar nas raízes secretas da humana existência, do «homem, esse desconhecido»; e deste mistério ou penumbra somos levados ou impelidos a acercar-nos com reverência profunda e amor. No nosso Calvário e nos inúmeros estabelecimentos hospitalares ou afins visitados ou percorridos, como ante o sofrimento ou a dor, temos sentido bem isso. É que, em cada deficiente ou prostrado há uma pessoa como nós, a exigir o maior respeito e a melhor das atenções, e um irmão merecendo e necessitando do nosso amor; ao contrário, seria considerar o homem como que obisificado e peça gripada, sem valor, da humanidade a que todos pertencemos.

Amigo nosso, Médico de renome, já há anos, quando nos entrega algo do que lhe passa pelas mãos, obtido através de trabalho nem sempre fácil, nos considera como simples «intermediário» entre ele e Deus, obrigado naturalmente ao silêncio e à discreção. Outro, colega do mesmo ofício, com a sua Esposa e Filhos, faz o mesmo e nunca tivemos cora-

gem de sequer lhe perguntar o nome. São momentos solenes, que tocam o mais recôndito do nosso ser, não susceptíveis de serem traduzidos por palavras.

Senhora, que não víamos há mais de 15 anos, telefona-nos e pede para aparecermos nos Mártires, ao fundo da Igreja, com o Santíssimo exposto, a fim de nos entregar valiosa quantia, em pequeno embrulho. Poucas palavras, desta vez sem óculos escuros, como das duas outras vezes que lá nos encontramos, uma das quais para

nos oferecer um volume com jóias e para nos dizer apenas: «Tome, sr. padre, que o que está parado não rende». Deus seja louvado. Ele que tudo vê e sabe! Por nós, indignos «intermediários», para adjectivar a expressão do nosso Amigo acima apontado, apenas nos coube cair de joelhos; e ante o Senhor Sacramentado, perceber como o dinamismo da partilha fraterna, para os cristãos, está ligado à Eucaristia e dá origem a gestos como os apontados.

Padre Luiz

Boas notícias

A obra de recuperação da Ribeira/Barredo, no Porto — que Pai Américo reclamou, oportunamente, com o sangue daquela «terra de mártires, de heróis, de santos» — suscita já o interesse da International Council of Monuments and Sites, organismo da UNESCO.

O director da ICOMOS não esconde a sua admiração pelo trabalho efectuado, «que se insere numa orientação internacional de recuperação do património cultural de vários países».

Embora tardia..., a recuperação do Barredo apresenta características inéditas, que — segundo os técnicos — se aproximam de empreendimentos similares realizados em Inglaterra e nos Estados Unidos.

Boa notícia!

Referimos, também, o crescente interesse de municípios da zona suburbana do Porto pela Auto-construção — na sequência de um certo desordenamento urbanístico.

Primeiro foi Matosinhos. Agora, na Maia, são «300 lotes de terreno para Auto-construção» — regista, em título, a Imprensa diária.

Outra boa notícia!

Segundo o regulamento aprovado na Maia, os lotes «só poderão ser adquiridos por agregados familiares com um rendimento não superior a 10.000\$00. Esta proposta, que desencadeará um movimento idêntico àquele que se vive em Matosinhos, onde tal ideia vingou com uma força que nem os próprios autarcas pensariam, tem grande envergadura — dimensão que o próprio presidente do município classifica como única no País.

— Com efeito — disse ele — nesta primeira fase vão ser postos à disposição das camadas populacionais com rendimentos baixos mais de 300 lotes de terreno em condições óptimas de construção (inclui-se no lote as infraestruturas) for-

necendo-se, inclusivamente, caso o adquirente o deseje, um projecto para edificação da sua casa.»

Já que nos arredores do Porto «a ideia vingou com uma força que nem os próprios autarcas pensariam» — há muito tempo que defendemos, em O GAIA-TO, prioridade para estas acções... — porque não seguem os municípios do interior do País o mesmo exemplo?!

Não vale a pena indicar razões de todos conhecidas — inclusivé a de se susterem migrações internas e todo o cortejo de problemas sociais... Mas, com certeza, aliviariam as comunidades da faixa atlântica, do grande Porto à grande Lisboa. E o Auto-construtor dos meios rurais teria carta de cidadania e condições óptimas de construção: infraestruturas, projecto para edificação da sua casa... Se ele ainda sofre, praticamente, a carga total...!

Em suma: não haverá homens públicos, pelo País fora, capazes de meter mãos à obra, de fazer o Bem bem feito? Vamos arregaçar as mangas. Agora! — diria Pai Américo.

Júlio Mendes

CANTINHO dos RAPAZES

Em convívio fraterno, que foi também oração e evocação, reuniram-se em casa da mãe de Pai Américo, seus sobrinhos com os filhos e netos. Vimos com alegria e devoção todos os cantos da casa e quinta evocadores de recordações: A cama e fotografia dos pais; dois bancos da lareira já carcomidos; a foto dos oito irmãos a começar pelo P.e José que foi missionário na Índia e a fechar com o Américo — o mais novo; a roca e o fuso da mãe com uma estriga a meio fiar dentro dum estojo onde uma carta, assinada por todos os irmãos, pede aos vindouros que guardem e estimem o sinal duma grande mãe devotada ao trabalho.

Na santa Missa, recolhidos pela copa dum lindo castanheiro, recordei a toda a família a grande herança espiritual que Pai Américo nos deixou e a responsabilidade que pesa sobre todos, de fidelidade à mesma.

Presentes, em Setúbal, os antigos gaiatos de Malanje — para o nosso encontro anual: Manuel Afonso, Melo, Falção, Pedro, Pinto Oliveira, António Afonso, Tomás e Quim, com esposas e filhos. Recordámos, com tanta saudade, todos os rapazes; nossa Aldeia de Malanje — que nos foi tirada; as lagoas; peripécias; mangas e bananas.

O centro do nosso encontro foi a capela do nosso Lar de Setúbal. Disse a todos que a felicidade não está nas grandes coisas, no muito ter e no ser grande no mundo. Mas na fidelidade ao Senhor; na realização quotidiana, dentro do Lar, da alegria e da paz. O amor fraterno entre todos — que supõe entreeajuda, conforme o espírito da nossa Obra — é o caminho dessa paz e alegria.

Encontrou-me no passeio calçadado duma rua de Lisboa e, indiferente aos que passavam, falou, falou, falou:

Primeiro, recordou Pai Américo; depois, seus tempos de menino, sua alcunha; a seguir, de roldão, casas, fonte de S. João e episódios; por fim, a vida difícil cá fora; necessidade de amparo, de ligação e comunhão com a Obra. Falou, também, no amor que bebeu, na esperança que tantos gaiatos perderam e na ideia de criação de núcleos nas cidades, que fossem amparo e inter-comunhão entre os gaiatos.

Oh alegria! Ditosos filhos! — diria Pai Américo.

Amor fraterno!

Doutrina social!

Espírito de família!

Grande roseira com tantos botões por abrir!

Preparemos os nossos encontros (já marcados) com muita seriedade e carinho para que eles sejam, verdadeiramente, ocasião fértil dum desabrochar para a nossa vida de família.

Padre Telmo



Tiragem média por edição no mês de Setembro: 49.600 exemplares